

Títulos brasileiros não mudaram cobertura sobre Copa Intercontinental – um ano antes da conquista do Flamengo, competição não animou imprensa do país¹

Sérgio Montero Souto²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro São Paulo – UERJ

Resumo

Hodiernamente sancionado por imprensa, torcedores e clubes como principal trunfo na disputa pela hegemonia do futebol brasileiro, o hoje Mundial de Clubes passou por longo processo de decantação até ocupar o zênite. Mesmo após equipes brasileiras irem a três finais, a cobertura da edição de 1980, vencida pelo Nacional, do Uruguai, confirma a observação de Halbwachs (1990), de que a memória não é linear, mas socialmente construída. Ao se pesquisar jornais sobre a conquista uruguaia, constata-se que a gramática dos diários cariocas mostra-se bem mais comedida do que o discurso apologético que adotariam quando o Flamengo é campeão um ano depois.

Palavra-chave: imprensa e campeões não brasileiros; Nacional; Mundial Interclubes

Introdução

Esta comunicação dá continuidade a pesquisa mais ampla do Grupo de Pesquisa Esportes, Ídolos e Identidades (GEII), coordenado por este autor, sobre como a imprensa brasileira nomeava e hierarquizava os diferentes torneios internacionais dos anos 1960 até o início dos anos 1990, cujos organizadores proclamavam seus vencedores “campeões mundiais”. Em trabalho anterior, no detemos no tipo de cobertura dedicada pelo *Jornal dos Sports* – diário esportivo de maior tiragem daquele período (Buarque, 2003) – à primeira conquista da então chamada Copa Intercontinental³ por uma equipe sul-americana, o Peñarol, do Uruguai, em 1961 (Souto, 2004). Adotamos como referência teórica naquele caso os estudos de Halbwachs (1990) sobre a memória social, que também nos socorre nesta comunicação,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação, Professor do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: sms306406@hotmail.com

³ A competição também ficou conhecida no Brasil como Copa Europeia/Sul-Americana e Copa Toyota, neste caso, a partir de 1980, quando passou a ser disputada no Japão e adotou o nome da montadora nipônica patrocinadora do torneio. Tal nomeação durou até 2005, quando, ao passar a ser organizada pela Fifa, foi batizada de Mundial de Clubes. Antes, houvera, em 2000, uma edição solitária, também organizada pela Fifa, disputada no mesmo ano em que ocorreu a última versão da Copa Toyota ou Intercontinental.

por entendermos estarmos diante, não apenas de uma manifestação do jogo da jocosidade das torcidas, mas, centralmente, de um processo mais amplo de construção da memória do futebol brasileiro, um dos principais fatores constituintes da nossa identidade nacional.

Com a ressalva de que a pesquisa necessitaria ser estendida a outros jornais, incluindo esportivos e genéricos, identificamos, no trabalho anterior, como conclusões iniciais uma relação complexa e permeada por oscilações nas nomeações e nas hierarquizações. Vimos, então, que o periódico de esportes mais vendido no Brasil, simultaneamente, adotou posturas, aparentemente, contraditórias. Ao mesmo tempo, noticiou todas as três partidas da final da Copa Intercontinental, mesmo sem a presença de um clube brasileiro; proclamou o vencedor campeão mundial; mas, na mesma edição, nomeou o torneio como “Copa dos Clubes Campeões”.

O mesmo jornal, que já alertara a seus leitores que a Fifa não reconhecia a competição e, ainda, se referia a ela como “a chamada ‘Copa do Mundo de Clubes’”, colocando tal condição entre aspas, conhecido recurso do jornalismo, usado tanto para ironia, como para avisar tratar-se de declaração literal, não deixou de apontar o vencedor como “o novo campeão mundial” (Souto, 2024).

Tais contradições não foram, porém, entendidas pelo nosso grupo de pesquisa como falhas da práxis jornalística. Consideramos que, em lugar de desqualificarem o jornal, elas nos ajudariam a compreender melhor o objeto em perspectiva, se não fossem removidas de um contexto em que o universo do nosso futebol orgulhava-se de o Brasil ter, então, a única seleção tricampeã do mundo (1958, 1962 e 1970), sendo seu futebol alvo de admiração e reconhecimento interna e externamente.

Em tal contexto, a hierarquia desse esporte aqui era formatada, centralmente, por fatores endógenos, em vez dos exógenos, que, a partir dos anos 1990, começam a construir a sua hegemonia na forma como clubes, torcidas, jogadores e imprensa percebem o lugar do futebol brasileiro internamente e no mundo. A conquista da equipe do Peñarol, em 1961, no entanto, ocorrera no segundo ano da competição e antes de ela ser vencida por um clube brasileiro. Queríamos entender se poderia haver variações relevantes no padrão da cobertura quando essa avançasse mais no fato e viesse a ter campeões e/ou finalistas brasileiros.

Por isso, optamos, agora, por outro recorte: se o fato de times brasileiros conquistarem a Copa Intercontinental mudou a mirada da imprensa nacional sobre

aquele torneio. E, se isso ocorreu, como se refletiu nas nomeações e na hierarquização em relação aos campeonatos estaduais e nacionais, que ocupavam, nessa ordem, o topo das atenções e dos desejos de torcidas, clubes e imprensa (Souto, 2022). Para isso, elegemos investigar de que forma três jornais generalistas⁴, sendo dois brasileiros, *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, e um argentino, *La Nacion*, trataram o título de outro time uruguaio, o Nacional, em 1980. A escolha desse ano não foi arbitrária. Ela atende a dois critérios: coincide com o fato de dois times brasileiros já terem ido à final da Copa Intercontinental por três vezes, totalizando dois títulos e um vice-campeonato⁵; e por tratar-se do ano que antecedeu à conquista daquela competição, em 1981, pelo Flamengo, clube de maior torcida do país.

O recorte visa, assim, a nos permitir um duplo movimento analítico: se a presença de clubes brasileiros em finais pretéritas impactou as coberturas seguintes da imprensa nacional e identificar – num futuro trabalho – contrastes relevantes no tratamento, até então dado à competição, com aquele que virá a ser dispensado ao Flamengo. Esta segunda condição influenciou na escolha, para esta comunicação, de dois veículos cariocas generalistas, devendo-se a inclusão do diário argentino ao desejo de identificar eventual ênfase mais forte a competição que, até as suas primeiras duas décadas, mobilizava mais o ecossistema do futebol nos países de língua espanhola do que o brasileiro.

Com a presença de equipes brasileiras nas finais, ainda que, até então, sem clubes do Rio de Janeiro – estado das sedes de *O Globo* e o *Jornal do Brasil* – a Copa Intercontinental deixara de ser um torneio tão estrangeiro à imprensa e aos torcedores brasileiros, ainda que continuasse distante do topo de prioridades, voltadas para os campeonatos estaduais e o nacional. Vejamos, então, como isso se refletiu na cobertura do ano anterior a conquista do título pelo Flamengo.

Enquanto o *Jornal dos Sports* acompanhou a decisão de 1961 já a partir do desembarque do Peñarol na Europa, tanto os periódicos cariocas, quanto o argentino, pelo menos, nas edições encontradas a partir de palavras-chave, destinaram espaços bem mais modestos à cobertura da final do Nacional, campeão sul-americano, contra o inglês Nottingham Forest, campeão europeu.

⁴ Veículos não segmentados que têm seções sobre assuntos variados.

⁵ Até então, em 20 edições da competição, entre 1960 e 1979, duas equipes brasileiras haviam chegado à final do torneio: Santos (campeão em 1962 e 1963) e Cruzeiro (vice-campeão em 1976).

Realizada pela primeira vez em jogo único e com sede, também pela primeira vez, em Tóquio, no Japão, o torneio ficou, ainda, conhecido à época como Copa Toyota – referência à montadora nipônica que comprara os direitos da competição. Seu acompanhamento pelos três jornais não contou com qualquer correspondente ou enviado internacional, ficando restrito ao resultado do jogo. A exceção foi *O Globo*, que, além de abrir espaço mais generoso à competição, foi o único a publicar matéria também no dia seguinte à partida.

Antes de analisar a cobertura dos veículos, vale lembrar que, com a diferença de 12 horas no fuso horário de Brasil e Argentina para o Japão, a final terminava de madrugada na América do Sul. Com isso, dois dos veículos podem ter se limitado a registrar a notícia apenas no primeiro clichê⁶. No entanto, tal prática parece não explicar, completa nem principalmente, a diferença de tratamento para títulos conquistados por clubes não brasileiros nem a ausência de desdobramento dos fatos na edição seguinte.

O diário argentino *La Nacion*, por exemplo, limitou-se a registrar num box a vitória uruguaia, na edição de 11 de fevereiro de 1980: “*Nacional campeón intercontinental de futbol*”. Em apenas 19 linhas e uma coluna, a matéria limita-se a reproduzir despacho da United Press International (UPI), agência internacional de notícias estadunidense. Além de informar o resultado e o autor do gol, Waldemar Victorino, o texto faz brevíssimo resumo da partida.

Nele informa que, embora os ingleses campeões europeus tenham se lançado decididamente ao ataque no início da partida, não conseguiram vencer a defesa do Nacional, que, num contra-ataque, aos dez minutos, marcou seu gol num lançamento do lateral José Hermes Moreira. Depois disso, os ingleses voltaram a atacar “de forma desesperada”, para tentar empatar a partida, mas seus avanços “foram interrompidos pela brilhante defesa armada pelos uruguaios”

Além do espaço extremamente modesto destinado à final, o jornal argentino não classifica, nem no título, nem no curto texto, o Nacional como campeão mundial, mas como vencedor intercontinental. O *JB* vai adotar outra classificação já no título, em edição do mesmo dia do jornal argentino: “Nacional é campeão mundial”. O reconhecimento à façanha, no entanto, contrasta com o modesto espaço destinado a

⁶ Edição destinada aos assinantes dos jornais. A prática da época era rodar uma segunda edição, chamada de segundo clichê, na qual se acrescentavam e/ou atualizavam notícias consideradas relevantes que ocorriam após o fechamento da primeira edição, além de corrigir eventuais erros identificados pelo secretário de redação.

título tão importante. Confinado a quatro linhas em duas colunas, a nota é a última matéria em importância da página 27 do jornal.

A origem da matéria é Tóquio, indicando que, provavelmente, o jornal limitou-se a reproduzir informação de alguma agência internacional não creditada. O texto resume-se a uma frase: “Com um gol de Victorino, no primeiro tempo, o Nacional de Montevideu conquistou hoje o Campeonato Mundial de Clubes, ao vencer o Nottingham Forest, da Inglaterra, por 1 x 0.” Espaço e impacto, também, bastante modestos para o que seria considerado, mais adiante, pela imprensa brasileira, o título mais importante do futebol mundial.

A diferença da cobertura entre os dois veículos parece, assim, estar mais na caracterização do torneio e no tratamento mais formal do jornal argentino, grafando o nome composto do autor do gol e o nome e o sobrenome do responsável pelo lançamento, enquanto o *JB* recorre apenas ao prenome como costumava fazer com os jogadores brasileiros. Independentemente da qualificação de intercontinental ou mundial, o espaço pouco generoso destinado à competição mostra convergência, naquela edição, na hierarquização, ao menos, quando clubes do país de cada veículo não estavam envolvidos.

O Globo, dos três, foi o que deu mais espaço à decisão. Em matéria numa página interna da Editoria de Esportes, de 11 de fevereiro de 1981, chama para a final: “Nacional x Nottingham, uma decisão no Japão”. Em cima, foto do goleiro uruguaio, com a legenda: “Rodolfo Rodriguez, o líder e capitão uruguaio”. Apesar de ser o único veículo a publicar matéria na véspera do jogo e a acompanhar com ilustrações as matérias da final, o espaço ocupado pela partida está confinado ao rodapé da página.

A matéria com procedência de Tóquio, seguida pelo nome do jornal entre parênteses, mas sem assinatura de correspondente ou enviado internacional, indica que, provavelmente, a redação desenvolveu o texto a partir de material de agência internacional de notícias, também, a exemplo do *JB*, não creditada. Diagramada em duas colunas, a matéria informa que “a maior preocupação dos técnicos das duas equipes” que disputam o título da Copa Intercontinental é “o péssimo gramado do Estádio Olímpico”.

O texto traz outros detalhes, como os destaques do Nacional, que contava com quatro integrantes da seleção uruguaia campeã do Mundialito daquele ano: Rodolfo Rodrigues, José Hermes Moreira, Valdemar Victorino e Julio Cesar Morales. E que o

adversário, que não fazia boa campanha no campeonato inglês, teria o desfalque do apoiador John McGovern⁷, que foi substituído por Raimondo Ponte, “um suíço radicado na Inglaterra”. A matéria fecha com as escalações das duas equipes.

Na edição de 12 de fevereiro, o jornal, volta à cobertura do jogo da véspera. Embaixo do *selinho* “Futebol Internacional”, pouco acima do rodapé da página, *O Globo* tituló: “Nacional dá outro título ao Uruguai”. Mais uma vez com procedência de Tóquio acompanhada do nome do jornal, a matéria é ilustrada por foto do único gol da partida, com a legenda: “Victorino chuta forte. É gol.” Na abertura, a matéria informa que, em apenas um mês, “o futebol uruguaio conquistou dois títulos internacionais de repercussão”. Além da Copa Intercontinental, o jornal elenca o Mundialito, em Montevidéu, como o outro título de repercussão internacional.

A matéria destina mais dois parágrafos para breve resumo da partida, que inclui a informação de que, após sofrer o gol, o time inglês partiu para o ataque, tendo desferido “18 finalizações contra a meta uruguaia”. O texto fecha com as escalações das duas equipes. Um box embaixo, em duas colunas e 26 linhas, trata da repercussão do resultado na imprensa japonesa e informa que o treinador do Nacional, Juan Martins Mujica, atribuiu a vitória do seu time à observação detalhada do adversário, que incluiu uma viagem a Nottingham: “Filmei tudo”, revela Mujica.

O detalhamento do material colhido aponta, com a exceção de *O Globo*, para uma cobertura limitada a breves registros, embora o JB classifique, no título, a conquista de “mundial”. A gramática não é seguida nem pela *La Nacion* nem por *O Globo*, que nomeiam a competição de Copa Intercontinental, denominação que vai sofrer mudanças à medida que outros times brasileiros sejam campeões do torneio.

Conclusão

É necessário repetir a necessidade de avançarmos mais alguns passos na pesquisa para tentarmos identificar em que momento a apropriação do torneio por imprensa, torcidas e clubes vai se refletir na qualificação do torneio como Mundial. Feita a restrição, a cobertura alvo desta comunicação, envolvendo dois diários generalistas cariocas e um argentino, parece apontar para um padrão. No caso da

⁷ O jornal grafa o nome do meia escocês como John Mc Govern, o que parece sinalizar a pouca intimidade do jornalismo esportivo da época com jogadores do futebol internacional.

imprensa brasileira, se consideramos, aqui, também, nossa investigação anterior sobre o primeiro título de uma equipe sul-americana daquela competição, temos uma cobertura que sugere diversas camadas.

Por um lado, ela parece não empolgar os veículos nacionais, enquanto não haja atores brasileiros, a promover o evento àquela categoria do número finito de coisas que “acontece realmente”, dos quais, cabe ao jornalismo selecionar os mais noticiáveis (Lester e Molotch In TRAQUINA, 1993). Se, para Molotch e Lester, o que está “realmente acontecendo” é aquilo em que as pessoas prestam atenção, a cobertura bastante modesta da imprensa brasileira ao torneio quando este não envolve times brasileiros parece indicar que a Copa Intercontinental “não estaria realmente acontecendo” em relação à hierarquia dos campeonatos da época. Essa realidade parece perdurar até as duas primeiras décadas de existência da competição.

Identificada a questão da hierarquização do torneio em relação às demais competições brasileiras, parece predominar a visão de que esse ranking à época era formatado por fatores endógenos, com as rivalidades regionais e nacionais sendo mais potentes do que as internacionais. Embora não fosse incomum que os principais clubes brasileiros viajassem com bastante frequência ao exterior, conforme amplamente documentado pelo noticiário esportivo da época, a cobertura dos embates com os adversários estrangeiros ocorriam mais distantes dos olhares do público brasileiro.

Eventuais dificuldades financeiras dos veículos locais, principalmente dos de menor porte financeiro, para manterem correspondentes no exterior durante excursões que podiam durar semanas e com gastos em moedas mais fortes do que a brasileira pode ter sido um limitador para uma maior divulgação – e sustentação – no país de rivalidade com times de outros países. Havia, ainda, a questão de o investimento afetivo do torcedor brasileiro ser muito mais poderoso quando clubes do único país a conquistar três Copas do Mundo se enfrentavam aqui.

Além de trazer novas luzes sobre a questão da hierarquia do futebol nas primeiras duas décadas da Copa Intercontinental, o material examinado reforça contradições importantes sobre como a imprensa brasileira se referia à competição. Como sabemos, as nomeações não são neutras. Ao ora nomear o torneio e os campeões, respectivamente, como Mundial Interclubes ou Copa Intercontinental ou ainda Copa Toyota, e campeões interclubes; ora, como Mundial de Clube e campeão mundial, a

imprensa sinaliza falta de clareza de como tratar como “fato que realmente acontece” a competição quando esta não tinha vencedores brasileiros.

Não nos parece que estejamos diante de uma visão, eventualmente, xenófoba, mas, talvez, da dificuldade de a jornalismo esportivo nacional lidar com aquele torneio. Como observa Halbwachs (1990), o que importa não é a memória, mas os quadros sociais da memória. Isso significa que a memória é, por natureza, social. A memória individual, dessa forma, estaria sempre construída em relação ao grupo do qual se faz parte, em relação ao meio social e em relação a todos que nos cercam.

Embora os jornais tenham se constituído, até o advento das redes sociais, como um dos principais produtores da memória nacional e, portanto, como um dos senhores da memória da sociedade, eles não atingiram tal posição situando-se externamente à sociedade. Dialeticamente, sua cobertura do torneio, também, refletia a prioridade destinada por torcedores e clubes às competições locais, num determinado contexto de centralidade do nosso futebol no universo desse esporte. Para identificar em que momento tal processo se inverte ou começa a se inverter, precisamos continuar a aprofundar nossa pesquisa.

Referências

HALBWACHS, Maurice. **A memória social**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

MOLOTCH, Harvey e LESTER, Marilyn. **As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos** In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1993..

Nacional é campeão mundial. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. Edição de 11 de fevereiro, 1981.

Nacional de Uruguay campeón intercontinental de futbol. La Nación. Buenos Aires. Edição de 11 de fevereiro

Nacional x Nottingham, uma decisão no Japão. O Globo. Buenos Aires. Edição de 11 de fevereiro de 1981.

Nacional dá outro título ao Uruguai . O Globo. Buenos Aires. Edição de 12 de fevereiro de 1981

SOUTO, Sérgio Montero. **A Imprensa e o Apagamento da Memória dos Campeões Mundiais**. Belo Horizonte: 46º Intercom, 2022.

SOUTO, Sérgio Montero. **A cobertura do Jornal dos Sports sobre o primeiro título de um clube sul-americano na Copa Intercontinental**. Balneário Camboriú: 47º Intercom, 2024.